



O Colarinho branco



**Miguel
Esteves
Cardoso**
Ainda
ontem

No jornalismo, há a endograxa e a exograxa. A endograxa é quando se dá manteiga a um mangas da mesma publicação; a exograxa é quando se puxa o lustro a um mánfio duma publicação rival. Esta é mais frequente porque solta um aroma de pluralismo e de desinteresse comercial. Eis um raro exemplo de endograxa: acho que Rui Falcão, que escreve no PÚBLICO, no bom *Fugas*, é o melhor e mais original crítico de vinhos de Portugal. Isto num país onde os bons críticos, tal como os vinhos, são cada vez melhores. É o meu guru. Acredito em tudo o que ele diz. É como na música pop: Rui Falcão (tal como o outro grande Falcão do jornalismo, o Manuel) é um destilado de tradição e da rebeldia: é um classicista punk.

No último *Fugas* fez o elogio dos vinhos de Colares - que, apesar de serem um contra-senso na contramão da racionalidade e da moda, são os vinhos portugueses mais teimosos e mais fáceis de amar. Numa época em que tudo tem de saber a frutas tropicais, chocolate, baunilha, compotas e mijo de gato, os vinhos de Colares, sejam os tintos Ramisco ou os brancos Malvasia, estão entre os poucos que sabem... a vinho.

São raridades artesanais, blá blá blá, mas o que interessa é que são, de facto, uma delícia. Então o Colarinho branco - cujo apogeu é o *Arenae Malvasia 2006* e cuja colheita de 2007 está neste momento a ser casada *fifty-fifty* com o melhor Arinto de Bucelas do mesmo ano - é uma frescura sequinha, extorquida à areia e ao vento e ao mar, como não há outra neste mundo. Para que viva!